



## A LINGUAGEM E SEUS EFEITOS NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Elizandra Souza<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O adolescente tem muito a dizer, mas poucos espaços para ser ouvido. Isto é facilmente comprovado através das pesquisas que estudam os adolescentes, apenas pelo ponto de vista de especialistas. O adolescente é sempre dito e explicado pelos especialistas, mas não há espaço para ele se dizer. Mesmo quando é colocado a falar de si, suas considerações servem para que especialistas encerrem uma definição sobre ele, registrando assim, os comportamentos e pensamentos possíveis deste sujeito.

A adolescência hoje não pode mais ser vista apenas como uma fase de transição entre a infância e idade adulta. O adolescente pede um lugar, uma posição para se dizer. E mesmo com todos os seus conflitos e confusões, a adolescência já garantiu um lugar enquanto constituição subjetiva e posicionamento individual. Esta emergência da adolescência se traduz, principalmente, pela quantidade de objetos que podem ser consumidos por este grupo, que até há pouco tempo não era um objeto privilegiado de estudo.

Partindo do pressuposto de que a passagem da infância para a idade adulta é vivenciada por todo ser humano, toma-se como hipótese que a adolescência foi se constituindo como um lugar discursivo, em especial no momento atual da sociedade do espetáculo e do consumo.

---

<sup>1</sup> Elizandra Souza, Psicanalista, Mestranda em Educação da Universidade São Francisco.

## 1. A Linguagem e o inconsciente

O sujeito se constitui através das suas relações com o mundo e com o outro. Desde o nascimento, é na relação com o outro cuidador que a criança está apreendendo elementos constitutivos. Num primeiro momento, a criança tem com a mãe uma relação simbiótica, ou seja, há a crença de que um é parte do corpo do outro. O bebê depende totalmente da mãe<sup>2</sup>, que abrange os cuidados fisiológicos integrando-os aos cuidados afetivos.

Nesta posição, onde a relação simbiótica é evidenciada, não existe um sujeito criança, pois seu lugar é baseado no prolongamento do corpo materno. Além disso, o bebê é o objeto do desejo materno. Ou seja, para existir um bebê é necessário que haja um desejo da mulher de se posicionar como mãe. Ainda que, posteriormente, ela o abandone, talvez por não sustentar esta posição, a gravidez depende de seu desejo<sup>3</sup>.

... a criança não tem relação simplesmente com um objeto que a satisfaz ou não a satisfaz, mas graças ao mínimo de espessura de irrealidade dado pela primeira simbolização, já existe um referenciamento triangular da criança, uma relação não com aquilo que traz satisfação para sua necessidade, mas uma relação com o desejo do sujeito materno que ela tem diante de si. (LACAN, 1999, p. 232)

Contudo, para se tornar sujeito, é necessário que se desfaça a simbiose, ou seja, que haja uma separação. Neste momento é importante a entrada de um terceiro elemento, que chamamos função paterna, cuja posição principal é realizar a separação, ou seja, o bebê deixa de ser o objeto de desejo materno, pois não completa a

---

<sup>2</sup> A partir de Lacan, utilizamos o termo *função materna* para diferenciar a pessoa mãe biológica e aquele que assume esta posição maternal, pois para a Psicanálise o sujeito é sempre revelado a partir de uma posição.

<sup>3</sup> Desejo para a Psicanálise em nada se iguala à vontade consciente. O desejo é sempre inconsciente e para ser reconhecido é necessário uma análise. Por isso, há tantas confusões no esta diferenciação, pois há mulheres que querem ou tem vontade de engravidar, mas não engravidam. Este não engravidar é uma resposta ao desejo, ou seja, existem elementos inconscientes que desconsideram a vontade consciente da mulher. Assim é com qualquer outro movimento do sujeito. O desejo é sempre inconsciente.



mãe e com isto, a mãe se afasta, permitindo ao bebê a percepção de que não é extensão do corpo materno.

Este movimento, em Psicanálise, tem alguns nomes que se complementam como castração, complexo de Édipo, ideal de eu, nome-do-pai. Apesar de cada um contemplar uma explicação específica, o importante é saber que são movimentos que permitem que o bebê se separe da mãe. Por exemplo, a castração tem o sentido de mostrar para a criança que ela é 'não todo', ou seja, não pode completar a mãe, por isso, esta irá lançar seu desejo para outra coisa.

A dimensão simbólica - a linguagem - só pode ser conquistada por meio da submissão da Lei (castração, complexo de Édipo, ideal de eu, nome-do-pai); isto significa que só haverá sujeito social se houver internalização de regras, valores, normas - Lei.

Para chegar ao status de ser sujeito social, primeiramente surge o sujeito, que aparece no afastamento do corpo materno. Ser um na sociedade é ser sujeito, que ameaçado pela castração acumula um saber inconsciente de como deve agir e pensar.

O sujeito é assim constituído. Estes primeiros elementos que conduzem a separação, serão os elementos que participarão da construção do modo de ser do sujeito. Quando recebe a castração, recebe também, a possibilidade de abstração, ou melhor, recebe a possibilidade de fazer relação com o meio e com os outros sujeitos. Isto só é possível através da inserção no simbólico, oferecido pela castração, já que esta não acontece de fato. Ou seja, inserir-se no simbólico é poder entender o mundo, os outros sujeitos e a si mesmo de forma abstrata.

Para a Psicanálise, a identificação é outro movimento fundamental para o surgimento da subjetividade, e fazendo fronteira entre o individual e o social, funciona como um processo de enlace do eu e do outro. Está ligada ao inconsciente e sua manifestação tem

---

relação com o ideal de eu<sup>4</sup>. O sujeito se diz a partir das identificações que se assemelham ou se diferenciam na sua formação.

As identificações que nos constituem nos flexibilizam para as diversas posições subjetivas e identitárias. As identificações se misturam. Existem momentos que não sabemos o que é nosso e o que é do outro e o que há do outro em nós. Mas temos a necessidade de construção de identidade totalizadora, ou seja, uma identidade que encerra, comportamental e conceitualmente, todos os sujeitos que constituem um determinado grupo.

Os elementos constitutivos do sujeito são apreendidos inconscientemente, por isso, a psicanálise tem o inconsciente como a mais fundamental e principal característica do sujeito. Com caráter até mesmo determinante, o inconsciente nos constitui e isto significa que só podemos desconhecer nossa própria constituição.

O inconsciente é pura alteridade que se produz incessantemente, por isso mesmo não podemos conhecê-lo toda. O inconsciente vai determinar a postura de cada sujeito ao momento em que ele se abre e se temporaliza no mundo. (LONGO, 2006, p. 55)

Desta forma, a máxima socrática: "Só sei que nada sei", se encaixa perfeitamente na relação sujeito/ inconsciente. Inconsciente este que insiste em aparecer, que insiste em se dizer existente, em se fazer presente, em interrogar o sujeito na sua derrota, tal qual aquele que "goza" do torcedor cujo time perdeu o campeonato. O que pode, então, o sujeito fazer, a não ser aceitar que descontrola aquilo que o constitui?

A Psicanálise nos diz que o sujeito se constitui na relação com o mundo, se construindo à imagem do semelhante como imagem transmitida pelo espelho. Mas não é simples imitação, pois existe o inconsciente. É pelo inconsciente que assimilamos as informações do mundo e respondemos da forma como acreditamos que deve ser. Ou

---

<sup>4</sup> Ideal de eu é, segundo a teoria freudiano o que resta da formação do superego na relação com o mundo. É a maneira ideal que o sujeito acredita que deva responder ao mundo, como se este lhe obrigasse a algo.



seja, o conceito de identificação adotado pela psicanálise é incondicionalmente inconsciente, por isso não temos controle do que transmitimos aos outros, nem do que recebemos do mundo.

O sujeito da psicanálise é constituído pelo olhar do outro, que vai lhe dar a consistência de uma construção simbólica. E é neste ponto que a Psicanálise se diferencia de outras abordagens que estudam o sujeito, pois para nós é impossível pensar o sujeito sem o domínio do inconsciente.

O sujeito quando diz de si e de seu lugar, está fazendo associações e interpretações de seus desejos e vontades, suas fantasias, seus enganos, seus limites, suas maldades, suas falhas. Por isso, a linguagem, enquanto questão primordial da constituição do sujeito, não pode servir como instrumento de comunicação ou transmissão de informação simplesmente. A linguagem carrega a rede de significantes<sup>5</sup> que serão primordiais para o processo de reconhecimento de si e dos processos identificatórios.

Portanto, identificação e inserção simbólica estão diretamente relacionadas à linguagem, pois é por ela que apreendemos o mundo. Quando nos referimos à linguagem não dizemos somente da fala, mas de toda a possibilidade de linguagem que o meio oferece. Contudo, a questão discursiva é aqui posta, pois a linguagem incorpora o discurso enquanto constitutivo do sujeito.

Temos como exemplo, os discursos apresentados a cada geração ou a cada determinado espaço de tempo/movimento e os sujeitos que se apresentam rodeados por estes discursos. Ao dizer espaço de tempo/movimento, me refiro às transformações subjetivas (e coletivas) geradas por certos acontecimentos<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Significante e significado - termos trazidos da linguística por Lacan para explicar a relação inconsciente, linguagem e constituição do sujeito.

<sup>6</sup> Acontecimento aqui é tomado pela explicação da Análise do Discurso, que significa a circulação de um novo discurso que transforma o anterior. Uma forma de ressignificação e reorganização do discurso, da cultura ou da sociedade.

---

A linguagem é profundamente determinada pelo momento histórico, pelas contradições sociais e pelos conflitos ideológicos – de classe, de gerações, de gênero, de grupos étnicos etc. Os sujeitos são, portanto, determinados pelo emaranhado de discursos a que são submetidos. E de forma inconsciente<sup>7</sup>, estes elementos vão tecendo suas tramas para posteriormente, fazendo associações, se revelarem.

Para Lacan<sup>8</sup> (1998), a entrada do sujeito na linguagem é anterior à sua entrada na sociedade. A história tem relevância na constituição do sujeito, mas não pelo aspecto sociológico e sim pelo fato de que a história já está na fala de quem rodeia o sujeito, mesmo antes dele nascer. São os significantes, enquanto cadeia, da história do sujeito, da sua família e de sua cultura que fazem efeito no sujeito.

Os símbolos efetivamente envolvem a vida do homem numa rede tão total que conjugam, antes que ele venha ao mundo, aqueles que irão 'em carne e osso'; trazem em seu nascimento, com os dons dos astros, senão com os dons das fadas, o traçado de seu destino; fornecem as palavras que farão dele um fiel ou um renegado, a lei dos atos que o seguirão até ali onde ele ainda não está e para-além de sua própria morte; e, através deles, seu fim encontra sentido no juízo final, onde o verbo absolve seu ser ou o condena – a menos que ele atinja a realização subjetiva do ser-para-a-morte. (LACAN 1998a, p. 280)

Neste sentido, a psicanálise não visa somente acontecimentos acidentais ou fatos reais, mas principalmente aos significantes que são construídos simbolicamente e que permeiam a constituição do sujeito. A percepção do jogo de significantes permite ao sujeito se compreender como efeito do inconsciente. O sujeito caminha em direção ao sentido

Para a Psicanálise a constituição do sujeito é inconsciente e concebida pela linguagem, ou seja, depende da elaboração e

---

<sup>7</sup> Inconsciente é premissa fundamental para a Psicanálise, pois é um saber não sabido. É o que diz do sujeito, é o que pode explicar suas ações e seus pensamentos, porém é desconhecido.

<sup>8</sup> Lacan, psicanalista, estudioso da obra freudiana, que em sua releitura pode esclarecer pontos poucos compreendidos da teoria psicanalítica.



administração dos elementos simbólicos recebidos. Para Lacan (1998), o inconsciente é estruturado como linguagem, e isto compreende uma cadeia de significantes em constante movimento inter-relacionada com determinados significados (que não são dados, mas fazem parte, também, de uma construção). Um significante sempre remete a outro significante e através deste movimento infinito são constituídos os significados.

A estrutura da linguagem é concebida como condição de possibilidade do próprio inconsciente, porque não se pode conceber a sua natureza independente do meio no qual ele se manifesta.

Do mesmo modo, só a linguagem permite que o inconsciente apareça e realize suas operações e transformações. Fora dela o inconsciente não existe ou, pelo menos, é impensável, irreconhecível e inapreensível. Além disso, a linguagem ou, mais propriamente, a sua estrutura, é o conjunto ou o sistema que delimita o inconsciente como fenômeno: não sabemos de sua existência senão na estrutura.

## **2. Linguagem e Discurso**

A linguagem é concebida como instrumento natural de comunicação humana, que surgiu na própria evolução da espécie, e é tão contingente quanto ela mesma ou qualquer dos recursos que ela utiliza para a sua preservação. Em todos os lugares há linguagem e esta está em diversas formas.

Para que haja linguagem, seja onde e como for, é importante compreendermos que há um conjunto de símbolos que se movimentam e a fazem existir. Portanto, a inserção no simbólico, possibilitada pela castração (já que está é simbólica), é a forma especial do sujeito se inserir no meio social e fazer relações sociais.

Neste contexto, entendemos que a linguagem é princípio fundamental para que haja relação sujeito/sociedade, sujeito/cultura,

---

sujeito/sujeito. Entramos, então, no campo de movimento da linguagem, que é entendido pelo discurso, este concebido a partir da teoria da Análise do discurso de linha francesa.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito à propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 2009, p.49)

Na análise do discurso, o estudo se volta para o entendimento dos modos simbólicos na produção de sentido, levando em conta os efeitos e a construção. O discurso não é fala e não é língua, é um terceiro elemento, pois tem mais relação com a constituição. É um conjunto de enunciados na medida em que revelam uma formação discursiva.

O sujeito do discurso é uma construção realizada historicamente pelas práticas discursivas, por isso, o sentido que estas práticas evocam não está na palavra ou na frase em si, mas a partir do que carrega de contexto ideológico, político, social, econômico, cultural.

A sociedade é uma produção discursiva, que, ao mesmo tempo, controla, seleciona, organiza e redistribui de acordo com certos procedimentos, de acordo com seus poderes e perigos, mas que institui regras, que podem até escapar do papel, mas que pela construção discursiva deixam claro, por exemplo, o que é proibido.

Os discursos providenciam os sistemas de exclusão, como o certo e o errado, a sanidade e a loucura, a doença e saúde, todos baseados na vontade de verdade, ou seja, na audaciosa busca do que é verdade. Esta é a busca do homem e o objetivo nas construções discursivas. Os saberes são construídos pelas práticas discursivas e instituem-se como domínios de objetos, ou seja, condições de verdade.





Na análise do discurso é imprescindível situar o discurso no campo sócio-histórico-cultural para poder determinar as condições de produção desse discurso. Com isto, o paralelo entre a AD francesa e a Psicanálise contribue para o entendimento da linguagem como afeto e efeito no sujeito.

O sujeito é constituído a partir da linguagem e da história, por isso não é origem em si mesmo. Ele existe ou acontece pelas relações a que é submetido, ou seja, pelo discurso, que não determina um único sentido.

Na AD, a história não é somente sucessão de fatos contados cronologicamente. A história é construída a partir das relações de poder e das práticas sociais, por isso, os acontecimentos históricos têm significados que interferem e são influenciados pelos discursos.

A história tem relevância na constituição do sujeito, mas não pelo aspecto sociológico e sim pelo fato de que a história já está na fala de quem rodeia o sujeito, mesmo antes dele nascer. São os significantes, enquanto cadeia, da história do sujeito, da sua família e de sua cultura que fazem efeito no sujeito.

O sujeito, na observação da AD, é um posicionamento interpelado pela ideologia<sup>9</sup> na condição histórica e cultural. É neste sentido que as constituições subjetivas tomam forma de individualização perante a sociedade. As considerações ideológicas e históricas fundam posicionamentos, que quando interpelados possibilitam a unicidade em meio ao contexto generalizado.

O movimento do sujeito na cultura caracteriza o processo de identificação e viabiliza a individualização. Enquanto que, as práticas discursivas não surgem do nada, pois são produzidas na relação com outras práticas como as sociais, econômicas, culturais e com as

---

<sup>9</sup> A ideologia para a análise do discurso é o efeito entre a relação sujeito e linguagem. É ela que determina sentidos no interior dos discursos. Não é um elemento perceptível conscientemente, mas é emergido nas expressões dos sujeitos.

relações de poder. Um mesmo objeto pode ser ponto de formações discursivas diversas, como por exemplo, a linguagem.

A linguagem e a formação discursiva participam como sistema de desenvolvimento social e cultural, por isso, não se estagnam. O movimento é primordial para a produção discursiva e a constituição subjetiva, pois são os sujeitos que permitem esta instabilidade, ou melhor, que buscam e produzem a instabilidade, apesar de termos determinadas finalidades observadas no discurso.

... no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente de informação... A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores. (ORLANDI, 2009, p. 21)

Por isso, concebe-se a linguagem como fator principal na constituição do sujeito. Existe um movimento nas palavras, nas suas escolhas e nas formas de se apresentar. A análise do discurso estuda este movimento da palavra e, conseqüentemente, do homem. A linguagem constitui o sujeito, pois é por meio dela que ele interage com o mundo, construindo simbolicamente os significados do mundo e de si mesmo. Esta construção não é estática, acontece por meio de processos sucessivos que não se fixam inteiramente, ao contrário, estão sempre em movimento.

Na análise do discurso, observa-se como os objetos aparecem e desaparecem, por isso, pode-se compreender o discurso como o conjunto de regras anônimas que definem o que pode ser dito em determinada situação. Visando analisar construções ideológicas que um texto (escrito ou falado) ou uma imagem contém.

O sujeito que fala, fala sempre de um determinado lugar e tempo, e numa relação dual entre o eu e o outro. O sujeito do discurso sempre direciona seu enunciado a um outro, que pode bem



ser ele mesmo. Por outro lado, seu enunciado surge em outro lugar ou em outros lugares, concepção da polifonia.

Os discursos, segundo Foucault (2009), carregam consigo 'memórias' de outros discursos, dando um entendimento de uma rede de discursos, formando e transformando outros discursos. Nenhum discurso é originário, no sentido de início, surgido do 'nada'. Essas memórias são como arquivos, mas produzem efeitos de forma inconsciente, pois aquele que discursa não sabe dizer por quais malhas seu discurso se interpõe. Com uma análise do discurso, estas redes de relações discursivas esquecidas pelo sujeito, podem ser postas ao esclarecimento.

Utilizamos as palavras para dar conta do nosso entendimento do simbolismo do mundo, por isso, não há palavra que alcance todos os sujeitos da mesma forma, com o mesmo significado e dando o mesmo sentido. A palavra sozinha é somente um conjunto de letras sem qualquer significação, mas que alcançam significado quando ligada a objetos ou fatores emocionais, visuais, sonoros, cenestésicos ou a outras palavras.

Assim como, os discursos são produzidos, os sentidos também não são fechados em si. Os sentidos são produzidos, construídos pela relação entre a formação discursiva e a formação ideológica. Por isso, sempre há variação de sentido. Ou seja, um ato, um comportamento, uma situação, uma fala pode produzir sentidos diversos e até opostos.

O discurso, como manifestação da linguagem, nos adverte da dificuldade da comunicação, pois as coisas lançadas ao outro podem não ser entendidas da forma como queremos. É também neste sentido que ao fazer uma interpretação, o sujeito sempre fará a partir de si mesmo. Não será possível dizer sobre o que o outro pensa ou o que significa seu comportamento, a não ser, a partir dos próprios elementos ideológicos e subjetivos do interpretador.

---

### **3. A constituição do adolescente e a sociedade atual**

Considerando o sujeito uma construção, a questão do adolescente pode ser observada pelo mesmo parâmetro, ou seja, enquanto uma constituição discursiva e subjetiva. Há alguns anos não eram comuns assuntos, objetos ou programas voltados para adolescentes. O adolescente também emergiu num determinado momento histórico e cultural, por isso, se ocupar somente com as delimitações de idade colocam o adolescente como um indivíduo que necessariamente é, ou seja, estático, assim como o bebê é e não existe sujeição.

César (2008), em seu livro, "A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico", retoma histórica e culturalmente, o surgimento da adolescência como um momento da vida do sujeito em que, pelas concepções médicas e pedagógicas, há confusões, distorções e problemas. César, traz como aconteceu de a adolescência passar a ser este 'mar de complicações'. Hoje, temos esta visão de adolescência como uma fase incompreensível, isto é, fomos influenciados por certos discursos e agora o reproduzimos.

É comum entendermos o adolescente como o sujeito constituído pelos discursos médicos, pedagógicos, sociais ou psicológicos, e por isso, assumindo um lugar e se dizendo a partir daí. Contudo, enquanto sujeito constituído, não é todo, não é completo, por isso, tem questionamentos. Pelo entendimento da constituição do sujeito, não podemos aceitar a conclusão simplista de 'fase', que é tão difundida. Se pudéssemos considerar o adolescente um indivíduo que vivencia uma fase, delimitada por idade, então teríamos um objeto qualificado para estudo e, portanto, teríamos soluções, ou melhor, conclusões fechadas sobre as problemáticas apresentadas pelos adolescentes ou pelos seus pares (pais,



professores, familiares). É justamente por esta impossibilidade que tomamos o adolescente como uma posição subjetiva, que pede formações, transformações, mas que não se fecha, não se estabiliza.

O adolescente apresenta claramente estes aspectos de constituição, visto que presentifica seus conflitos advindos da variedade de elementos trazidos pelos pais e familiares, pelos amigos, professores, pelo convívio social, pela mídia, pelo consumo, etc. Além, de todo estes elementos externos, ainda há elementos internos que permeiam seu entendimento do mundo de si mesmo. É um novo sujeito que emerge em meio a novas modalidades discursivas, novos comportamentos, novas nomenclaturas e novas formas de expressão.

O adolescente ainda é considerado complicado e confuso, porém, suas características são parte da construção discursiva. Palavras como: globalização, consumo, acesso, diversidade, inclusão, liberdade de expressão, ilimitado, sem fronteiras etc., são os elementos que integram e possibilitam a emergência do adolescente.

Hoje é possível analisar o sujeito adolescente e seu processo de amadurecimento para além de uma fase de transição, onde o constructo subjetivo é confrontado, confirmado, ou mesmo, negado.

Percebemos o quanto a adolescência é vista como momento crucial para tomada de decisões significativas e aparentemente concretas, pois denotam o início da continuidade da vida adulta. Este momento traz angústias e certezas nem sempre compreendidas pelos próprios viventes.

Temos um sujeito contemporâneo que não se fixa e que segundo Bauman (2001) é um sujeito líquido – não tem nenhuma forma, mas pode ter qualquer uma. Está aqui e ali, ao mesmo tempo. E não tem espaço definido. Este sujeito líquido não aparece do nada, tampouco foi descoberto. Ele emerge baseado nos acontecimentos que transformam uma cultura e uma sociedade.

---

... a mobilidade tornou-se o fator de estratificação mais poderoso e mais cobiçado, a matéria de que são feitas e refeitas diariamente as novas hierarquias sociais, políticas, econômicas e culturais em escala cada vez mais mundial. (Bauman, 1999, p. 16)

A grande contribuição para a emergência deste sujeito líquido, na contemporaneidade foi o surgimento e, principalmente, a consolidação das novas tecnologias, fruto da globalização, que se modificam tanto que são consideradas sempre 'novas'. Portanto, uma das questões que se faz é como as novas tecnologias que permitem que os sujeitos estejam lá e cá, podem determinar limites de subjetividade? E será importante ainda limites para a construção da subjetividade?

Pelo conjunto de tecnologias passíveis de ser adquirido, o sujeito investe para continuar no prazer incessante do 'ter'. Quanto mais são os produtos a serem consumidos, mais se abrem portas que facilitam ou possibilitam este consumo. Temos uma geração de 'cartão de crédito estourado' e um número, que ultrapassa a 'milhões de dívidas', que estão no mesmo círculo vicioso dos empréstimos. Além disso, as grandes lojas já permitem a compra a prazo e, na realidade, hoje só se consolidam através desta prática.

É a sociedade do excesso (Birman, 2000) que está em todos os lugares, onde as pessoas se comprazem e se deleitam, ao mesmo tempo, que jogam sobre os outros as responsabilidades de seus excessos. Seja qual for o objeto consumido no excesso, o sujeito não quer saber, não quer se implicar, se desconsidera enquanto sujeito e se põe como objeto a serviço de seu gozo excessivo. Nas compras, na alimentação, nas drogas, nos jogos, tudo é objeto para ser consumido e pode sê-lo em excesso. A sociedade tem meios de perpetuar estas subjetividades que a sustentam, mesmo quando reclamam.

A relação com o outro na sociedade atual é, ao mesmo tempo, consolidada e apagada. O sujeito líquido, atual tem a possibilidade de



se comunicar com outros sujeitos de forma livre e direta sem se restringir ou se limitar aos espaços ou ao tempo. É como se a horas do dia não fosse intervenção para os relacionamentos. Isto porque no mundo globalizado, o essencial é a conexão via internet e é este virtual que permeia um modo psicótico de ser e existir. Não há limites, não há tempo, não há espaço. Há sujeitos que exprimem sem saber dizer de si e que comumente misturam o virtual e o real numa mesma experiência de vida.

O palco para o exercício de cidadania funciona nas relações de consumo e na visibilidade que absorvemos pelas tecnologias. A existência é concebida, na medida em que se é conhecido e reconhecido. Então, nos percebemos também, inseridos no discurso do espetáculo, onde a necessidade de aparecer é constante.

O adolescente responde a estas formas discursivas da atualidade, tanto no que diz respeito ao consumo, como às novas tecnologias ou ao espetáculo. Estão se formando imersos nestes discursos, ao mesmo tempo em que reproduzem ou expressam-se através destes discursos.

Por isso, o adolescente é uma posição subjetiva, que não é determinado por um espaço cronológico e sim é constituído a partir da linguagem a qual se insere e aos discursos que permeiam suas relações e modos de existir.

## **ANÁLISE DE DEPOIMENTOS**

### Depoimento 1

*Ah, eu queria, sabe, **ser mais bonita**, por um garoto que eu gosto lá da minha escola, é o Daniel, é... só que tem um problema, ele é **namorado da minha melhor amiga** e não gosta muito assim de*

---

*mim, entendeu, a gente não tem muita intimidade. Ah e eu queria saber como **ficar bonita** pra ele, entendeu... ah tá brigada.*

Neste depoimento tomarei dois pontos que acredito serem importantes e que refletem os conceitos teóricos do artigo. Primeiro, a questão do ser **bonita**, que pode apontar a necessidade de inserção no discurso de beleza que permeia nossa sociedade. O que é ser bonita? Dentre os discursos que se apresentam hoje, a beleza tem condições específicas para existir. Não sabemos, claro, como é fisicamente a depoente, porém, sabemos que ela não se insere no discurso de beleza atual. Neste sentido, aponto outro conceito que acredito ser importante, que é a identificação. Esta, enquanto constitutiva do sujeito, diz das representações internalizadas que o sujeito tem sobre si mesmo, que sempre tem relação como outro, já que não nos constituímos sozinhos, tampouco, a identificação é em si mesmo fator fixo. "Sou o conjunto das identificações que fizeram parte da vida desde o nascimento".

Outro ponto que indico é o fato da menina estar apaixonada pelo **namorado da melhor amiga**, que indica a confusão entre ser eu e ser o outro, cuja relação também pode ser encontrada no conceito de identificação, caso ela acredite que a amiga seja mais bonita. Ainda, temos a condição do discurso do ter, que não está somente na relação de consumo por objetos compráveis, mas de todo o tipo de objeto do qual o sujeito pode ter posse. Crença de que tudo é possível, onde a questão do ganhar e perder está nas entre-linhas. Se um pode tudo, haverá um outro com falta. E, além disso, mostra a anulação do outro. A sociedade contemporânea não enxerga o outro, como um sujeito igual, por isso tantos movimentos de inclusão. O outro é visto somente quando há culpabilidade. Dou como exemplo, a participação num grupo específico, que exercendo seu poder e direito de existir, desconsidera o outro e os outros grupos. Apesar de que, a identificações ejam postas na relação com o outro, este é um





movimento inconsciente, por isso, o sujeito sempre desqualifica o outro com alguém a quem possa se identificar.

#### Depoimento 2

*Oi, é... eu não quero me identificar, mas **quero muito me abrir**, tá acontecendo comigo, é, **coisas muito difíceis**, é, pelo fato de eu ter só 13 anos, eu acho que **é muito peso** pra mim... eu tô sofrendo muito, é, ..., meu ..., é... eu **me sinto gorda**, de verdade, **sinto que os meninos não olham pra mim por causa do meu peso**, mas todo mundo fala que eu tenho peso normal e..., eu tenho o peso ideal para minha altura, eu tenho **1.54 e peso... 45 kilos...** e eu não aguento mais **o julgamento das pessoas**, é muito triste pra mim... eu tô...*

O fato da menina querer **se abrir** tem relação com a dificuldade encontrada pelas pessoas, de forma geral, em encontrar um espaço para dizer de si e de suas dificuldades. Não porque não existem profissionais para isto, mas acredito que por duas grandes dificuldades: primeiro, os amigos ou parentes, aos quais sempre nos dirigimos para desabafar, já não estão tão à disposição, pois a sociedade atual demonstra que a individualidade é permanente. Cada sujeito pensa em si mesmo, busca seus objetivos mais individuais, apontando mais uma vez a desqualificação do outro, como se este não existisse. Por outro lado, há uma impossibilidade de se dizer – aquilo que não é expresso em palavras. Para conseguirmos nos expressar e encontrar as palavras possíveis de serem ditas, há que existir uma inserção do simbólico de forma estruturada, pois falamos através do meio simbólico. Hoje, há grande dificuldade de expressão em palavras de si mesmo.

---

Quando fala que há **coisas muito difíceis**, podemos interpretar o quanto há de sofrimento para esta menina de 13 anos, que não está encontrando lugares ou formas adequadas para desgarregar o represamento de sua angústia. Logo em seguida em fala **é muito peso pra mim**, ainda demonstrando que a carga que carrega está se tornando insuportável, mas que se segue de um outro sentido para a mesma palavra, **peso**, significando o estado físico-corporal. Uma mesma palavra, em sentidos diferentes, mas que organizam a angústia deste sujeito.

Em seguida, diz de duas percepções, que é sua e não pode ser objetivada como concreta, mas que, enquanto sujeito, este faz as interpretações sobre as coisas a sua volta a partir de seu próprio estado (psíquico/emocional): **sinto que os meninos não olham pra mim por causa do meu peso**, e mais adiante diz: **o julgamento das pessoas**.

Ainda com a frase: **sinto que os meninos não olham pra mim por causa do meu peso**, vemos, mais uma vez, a apresentação da necessidade de ser olhada ( e até desejada), inserida no discurso de beleza da sociedade atual, imersa na sociedade do espetáculo, onde é necessário ser visto.

## **CONSIDERAÇÕES**

No discurso adolescente permeia a necessidade de inclusão social e participação em um grupo e, conseqüentemente, institui-se formas e maneiras de ser. Ele escolhe isto para sair da posição que se acha preso, ou seja, no berço familiar, onde parece que ele nada escolhe.

O adolescente, a todo momento, tenta alavancar uma liberdade, por acreditar que está sob amarras que não quer pertencer, pelo menos naquele momento. Há, portanto, um



constructo, pelas ideologias que carrega em direção a um novo posicionamento do sujeito.

A linguagem, hoje, para o sujeito adolescente é principalmente constituída pelo mundo virtual, pela necessidade de ser observado e pela facilidade no consumo. Aquele que não se insere neste discurso é considerado “fora” das relações sociais e da cultura.

Para os adolescentes, que já nasceram nesta linguagem, a não utilização da internet ou do celular, é uma amarra e uma impossibilidade de sobrevivência. A necessidade está não apenas pelo consumo acelerado, mas principalmente, como forma de buscar e fazer parte de um grupo. As redes sociais são prova de que mesmo na propaganda da individualidade, ainda a constituição através dos grupos é primordial para os sujeitos.

A pós-modernidade permite que o sujeito se coloque de forma mais pura, na liberdade de expressão subjetiva. O corpo que antes era preso aos uniformes, aos enquadres, na pós-modernidade, se estende, não possui mais contrários definidos, não se contém num espaço determinado. O exagero dessa nova forma de inserção social toma a sociedade ou os sujeitos psicotizantes ou psicotizados, entendendo este como aquele que não tem percepção dos próprios limites do corpo, tem dificuldade de perceber o outro, não tem compreensão total do mundo simbólico.

## **BIBLIOGRAFIA**

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*; tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BAUMAN, Zygmund. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BIRMAN, Joel. *Entre cuidado e saber de si. Sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. *A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

---

FOUCAULT, Michael. **A Ordem do Discurso**. 19<sup>a</sup> ed. São Paulo: Loyola, 2009.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238 - 324.

LACAN, Jacques. **O Seminário 5 – As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 8<sup>a</sup> edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.